



***Museu do
Autômato
Arte Mecânica e
Cultura Técnica***

Edvaldo Souza Couto
Departamento de Filosofia – FFCH-UFBA
Mestrado em Artes Visuais – EBA-UFBA
edvaldo@ufba.br

Para Michele Bariolet e Dinah Pereira

1.

Em muitos dos caminhos que levam as pessoas a Souillac, uma cidade localizada na região do “Midi-Pyrénées”, quase ao sul da França, distante uns quinhentos quilômetros de Paris, os viajantes se deparam, muito antes de avistarem os primeiros sinais urbanos, com enormes cartazes de beira de estrada que anunciam e convidam os transeuntes para uma visita ao Museu do Autômato. Este é o maior museu europeu do gênero.

Algumas placas informam que o museu é um patrimônio da cultura científica e tecnológica, que perpassa a filosofia da técnica na era moderna, com um acervo de três mil objetos, mecânicos e eletrônicos, que vão dos moinhos d’água do século XIX ao robô industrial do século XX.

Em muitos dos cartazes vê-se um desenho que é o emblema da instituição. No alto, uma mão estendida aponta para baixo. O dedo indicador, mais erguido que os outros, quase encosta, levemente, numa outra mão, mecânica, que se estende suavemente, de baixo para cima. Um círculo envolve os dedos, o humano – ou seria o divino? – e o mecânico, e destaca o singelo gesto que induz à poética do toque.

É impossível não perceber que a imagem faz clara referência a um detalhe da pintura de Michelangelo, onde as mãos estendidas de Deus e do homem buscam a magia do toque e, com ele, a alegria fecunda do encontro. Tal referência indica que naquele museu os autômatos são elevados ao nível da poesia.

2.

Vencidos os últimos quilômetros, já no perímetro urbano, os viajantes são orientados por pequenas setas que indicam o caminho por ruas estreitas, entre um casario medieval, até o prédio onde o museu está instalado, na parte de trás da principal igreja da cidade. Estamos numa construção do século XII para uma aventura contemporânea.

Posters, fixados em murais e paredes, informam que o acervo eletrônico do museu é composto por mais de 300 autômatos em movimento, expostos num ambiente de som e luz, que inserem o visitante num universo fantástico. Ali a pessoa pode reencontrar o sonho e o imaginário de um mundo técnico encantador que se integra ao humano. A ênfase é dada no fato de que os objetos técnicos dizem respeito ao humano, são parte inerentes dele e, por conseguinte, da cultura.

Folhetos, na entrada, anunciam as atrações principais. A demonstração dos autômatos em cenas animadas compreendendo animais e bonecos mecânicos; hologramas; salas de projeção e conferências onde são exibidos filmes e promovidos debates sobre o progresso da técnica. Finalmente, o que mais me interessava, os robôs andróides e industriais. Uma mostra capaz de nos fazer reviver e imaginar a história completa das esculturas animadas do primeiro autômato mecânico de 1870 à robótica eletrônica do ano 2000.

3.

Um cenário.

Uma sala na penumbra. Um amontoado de coisas velhas espalhadas pelo chão, sobre mesas de épocas distantes e cadeiras cobertas por grossa camada de poeira. De um armário, no fundo, pendem luminárias quebradas e rolos de fios elétricos. Jornais antigos, muitos deles aos pedaços, estão empilhados pelos cantos e também dispersos no chão. Grandes caixas de madeira entreabertas revelam outros entulhos. Nas laterais, letras feitas a mão evocam um mundo distante, uma terra e um produto exótico: "caffé du Brésil".

Silêncio completo. Nada parece perturbar a calma do lugar.

Por cima do encosto de uma cadeira, num pedaço de pau torto que simula um velho galho de árvore, fixo na parede, uma coruja empoleirada e imóvel, salvo aquele único olho aberto que pisca de quando em vez. Ali está aquela que é o símbolo da sabedoria, a que dorme com um olho só pois com o outro vigia e contempla o mundo, mesmo quando o mundo parece reduzido àquela paisagem sombria.

4.

As luzes se acendem lentamente. É devagar que a claridade se faz presente. Um rádio antigo, num canto de uma das mesas, encostado na parede esquerda, com muitos ruídos, toca uma música.

A coruja “acorda”. Movimenta-se sem pressa. Primeiro estica os pés, um de cada vez. Depois, abre as asas, espreguiça-se. Uma poeira, que parece acumulada há anos, se desprende da sua penugem se espalha pelo ar.

A música abafada se perde nos chiados de uma estação mal sintonizada. A luz recai sobre a coruja. Ela se estremece e se ajeita no seu canto. Dá pequenos passos de um para o outro lado. Simula uma dança. Às vezes insinua que vai levantar vôo. Com uma postura imponente, o peito inflado e o ar zombeteiro, começa animadamente a falar de si mesma. Expõe algumas de suas características e virtudes.

Diz que algumas pessoas insistem em vê-la como ave do mal agouro porque, sendo noturna, anuncia aos homens mistérios do mundo das sombras, isto é, antecipa verdades daquilo que eles ainda desconhecem. Por isso, associam sua aparição como mensagem de morte.

De certa maneira essas pessoas estão corretas. Mas é preciso jamais esquecer que a morte é uma metáfora, uma passagem. O que ela sempre faz é indicar mudanças na vida dos indivíduos. Muitos resistem às transformações e, por essa razão, procuram dela se afastar. Mas as metamorfoses fazem parte da vida e sem elas pouca ou nenhuma graça teriam os dias. É um equívoco, próprio da ignorância, recusar as novidades, fechar os olhos, virar as costas. Para esses sujeitos, ela não pode significar boa coisa.

Acontece que a tribo dos homens não é composta apenas pelos que pensam e agem dessa maneira. Existem muitas pessoas que estão sempre dispostas a entender e a enfrentar os desafios das mudanças que promovemos sobre nós mesmos. Para esses indivíduos, ela simboliza a clareza das idéias, o fluir do pensamento, a dinâmica da vida. Para esses sujeitos, ela é hoje portadora de boas novas. Agora ela está ali para anunciar outras metamorfoses na vida e no corpo do homem. Que as pessoas se aproximem, fiquem bem perto. Ela quer apresentar seu melhor amigo.

Enquanto o amigo não chega, a coruja continua a narrar a sua história. Diz que ela é perpicaz, está sempre vigilante sobre o mundo e tem um olhar sereno diante das transformações. Por isso ela se tornou um símbolo de sabedoria. Não que saiba tudo. O que ela simboliza é a incansável busca do conhecimento, a sede insaciável de saber. A curiosidade filosófica diante dos novos acontecimentos. Não por acaso, vive sempre em prontidão e disposta a levantar vôo em cada entardecer.

5.

Subitamente a coruja interrompe seu discurso e se volta para o lado esquerdo. Procura decifrar o pequeno barulho de algo a se mover atrás das pilhas de jornais. Uma luz difusa acompanha a aparição de um rôbô.

O robô não foi feito imagem e semelhança do homem. O que se pode chamar de braços e mãos que se agitam não passam de barras de ferro eletrônicas cujas extremidades se dividem em cinco pontos. Cada uma tem um sensor especial. O que pode parecer pernas e pés são longas e finas estruturas metálicas que lhe permitem ficar de pé e se locomover. O que sugere ser a cabeça nada mais é que uma pequena caixa retangular, transparente, que deixa visível o seu interior repleto de fios estrelaçados, além de novos sensores.

O diálogo entre a coruja e o robô, exposto aqui por meio de uma adaptação livre, contém surpreendentes revelações sobre o destino do corpo na sociedade tecnológica.

6.

O robô se apresenta. Diz que ele é uma criação típica da era industrial e eletrônica. Uma máquina inteligente capaz de realizar tarefas e operações mentais com precisão e velocidade.

A coruja está saltitante no seu galho. Parece orgulhosa do seu amigo. Solicita que ele esclareça como é possível que características tipicamente humanas possam estar contidas num "indivíduo" de aparência tão inusitada, que ele demonstre aos presentes um pouco das suas anunciadas capacidades.

Entusiasmado, o robô exhibe os seus dotes sensoriais. Revela que agora ele é dotado de sensores especiais por todo o "corpo" e que por eles pode ouvir, falar, tocar e sentir. Explica que não nasceu assim. Mas vem se aperfeiçoando com as tecnologias recentes. Primeiro, falava pouco e mal. Depois, tocava mas nada sentia. Só há alguns anos, quando passou a entender melhor o que ouve foi que um melhor domínio da fala se deu. Por último, está aprendendo a sentir, o que lhe amplia o prazer em tocar. Ele está "aprendendo", se aperfeiçoando, ou, como dizem os humanos, "crescendo".

A coruja pergunta se ele pensa.

O robô diz que sim. Pensar é uma das suas últimas conquistas. Ele é dotado de mecanismos de inteligência e memória artificiais. Ele é um sofisticado computador capaz de imitar a capacidade de raciocínio humano, perceber o mundo e identificar objetos que estão a sua volta, de falar e compreender a linguagem dos homens. Pensar, continua, é formular proposições e encaminhá-las logicamente. O que ele mais sabe fazer é encadear as proposições, expressões e informações estocadas na memória. Sabe combinar algumas das proposições e consegue sempre gerar outras, com criatividade. É verdade que ainda não tem completo domínio sobre essas operações. Mas está "aprendendo" rapidamente. Acredita estar próximo o dia em que dominará a "técnica de pensar livremente".

A coruja pergunta se ele quer competir ou mesmo substituir o homem.

O robô diz que não. Isso não faz sentido. Ele é uma criação humana. Se ele pode “aprender” a entender o homem e os fenômenos é para melhor se relacionar com o mundo e ajudar aos humanos a enfrentar as suas tarefas, os seus desafios, os seus limites. Como amigo do homem ele também é um amante da sabedoria. Sua amizade com a coruja traduz o seu desejo de uma aproximação mais íntima com os homens.

A coruja rodopia feliz. O robô sabe que a sua performance agrada e seduz.

Finalmente a coruja pergunta se o robô está contente com um corpo assim, digamos, desajeitado. Ele ri. Levanta, caminha até um dos caixotes de madeira, senta-se e balança as “pernas”. Ergue os “braços” como a dizer “ora, vejam...”. Inclina a “cabeça” e se observa tocando em cada uma das partes do seu organismo.

Ainda a rir o robô diz que tem o corpo e a beleza ideais. Ele não precisa do corpo dos homens quando tem um que assume novas formas sempre que necessário. Dependendo da atividade que vai desenvolver ele pode recorrer a um modelo físico que o possibilite realizar com sucesso as tarefas. Seu corpo é aberto, pode se expandir, aumentar limites e potências. O corpo lhe é circunstancial. Sua beleza é sua flexibilidade.

A coruja pergunta como ele pode viver com um corpo que é e não é, que existe e não existe sob uma determinada forma ou aparência.

O robô diz que uma das suas características é justamente essa: ser uma máquina cujo corpo é mutante e completamente indefinido. Ele pode dispor de diferentes modelos corporais porque não vive aprisionado aos limites de uma estrutura física única, rígida. Vivendo da mutabilidade anatômica ele sabe que o importante é ser sistematicamente estimulado, ampliado, aperfeiçoado. É na mutação física e mental que está a sua identidade e razão de ser.

7.

Observar e analisar o funcionamento dos objetos tecnológicos, sobretudo a evolução histórica das concepções dos mecanismos utilizados, é uma forma de pensar, imaginar e conceber o humano cada vez emiscuido com a técnica. A coruja conclui que a sabedoria da nossa época está no reconhecimento de que máquinas e homens são seres cada vez mais interdependentes. É esse zumbido do híbrido que passa a nos constituir e a nos definir na era tecnológica.

A coruja pisca um olho, busca cumplicidade. A luz se apaga. Novamente é tempo de sonhar.

Referências bibliográficas

CLASSES DE TECHNOLOGIE. Patrimoine, Culture, Technologie, Robotique. Du moulin à eau au robot industriel. Musée de L'automate, Souillac, France. Folheto de divulgação.

GELERNTER, David. *A beleza das máquinas*. A elegância eo cerne da tecnologia. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

LOSANO, Mario. *História de Autômatos*. Da Grécia Clássica a Belle Époque. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

MUSÉE DE L'AUTOMATE. Souillac, France. Folheto de divulgação.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris, Aubier, 1954.